



Universidades Lusíada

Zúquete, Ricardo, 1963-

Natureza humana

<http://hdl.handle.net/11067/1103>

Metadados

Data de Publicação

2014

Resumo

Man, thousands of years ago, has demonstrated an extraordinary capacity to relate with the place that inhabited, what he testified in cave drawings at the time of Inferior Neolithic period, 20,000 years ago. The caves of Lascaux are the more notable example of this, demonstrating our capacity in interpreting the world where we lived metaphorically, to express this artistic interpretation poetically and, even before dominating the orality. Transactional psychology is applied to study registers of...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T18:13:22Z com informação proveniente do Repositório



Fig.1 - "Natureza Humana" - Fotografia Ricardo Zúquete 2011

NATUREZA HUMANA. RICARDO ZUQUETE Dr. Arquitecto/Universidade Lusíada de Lisboa

Há uns anos discutia-se em Portugal o sentido de salvar umas gravuras na foz do Rio Côa, o que significava retroceder numas obras de uma barragem já parcialmente construída. Parecia um excesso de zelo antropológico, a tentar impor aos magníficos progressos energéticos uns pequenos registos gráficos numa rocha só por terem uns milhares de anos. Desfez-se a barragem, ficaram as gravuras e fez-se um museu. Perdeu o dito "progresso", ganhou a cultura e memória do Homem.

Em 1940 um grupo de adolescentes descobriu uma gruta na Gorgonha, em França, com pinturas murais: Lascaux(1). Aberta ao público, só em meados dos anos sessenta é que parece ter havido a absoluta consciência do seu testemunho e da sua vital importância para a história da humanidade. A gruta foi selada, para garantia do seu testemunho, que vem sendo mantido como um dos maiores tesouros nossos, apesar de serem só uns desenhos murais, pintados modestamente há cerca de 20.000 anos, com retratos de figuras animais.

Desde há muito que antropólogos se dedicam ao estudo analítico da arte rupestre como representação da visão e relacionamento entre o Homem e o seu habitat, confirmando que as outras espécies animais têm relações perceptivas diversas, e por isso uma relação e consciência do espaço e do lugar muito diferente da nossa noção humana, bem mais profunda e complexa. Esse estudo antropológico em torno das representações artísticas revela uma inteligente diferença entre o mundo real, os diversos campos visuais e a sua interpretação, ou seja, entre o que o homem realmente vê e o que sabe existir, pelas diversas leituras da sua inteligência. Mesmo o Homem ao longo dos tempos tem representado o seu lugar de diversos modos, revelando percepções diversas, relacionadas com o desenvolvimento do cérebro, com o processo cultural e evolução social. Por exemplo, estudos sobre o Homem primitivo que vivia no interior de grutas onde realizava esses fascinantes registos que são as pinturas rupestres, como em Lascaux, revelam que ao longo dos séculos que medeiam entre registos, é representada, de início, uma leitura próxima à que seria hoje atribuível a uma criança, que domina apenas o seu horizonte mais imediato e próximo, representando-o com a mesma genuinidade com que o entende. Com a passagem do tempo os registos evoluem e surgem paisagens simples, com uma

concepção a revelar alguma noção de escala e profundidade, indicando uma consciência mais complexa e completa do espaço habitável.

Desde o início dos anos sessenta que a psicologia transaccional é aplicada a estudos deste tipo, ou seja, para o entendimento da estruturação inconsciente do nosso mundo visual, que não sendo um sentido passivo mas dinâmico, consiste numa relação interactiva entre o Homem e a atmosfera do seu lugar. O estudo desta relação que analisa as trocas, estímulos e respostas, ou transacções entre indivíduos e o seu habitat, tem demonstrado fascinantes resultados. O primeiro deles é a de que a evolução desse processo relacional e psicológico significa que o olhar que temos hoje sobre uma pintura rupestre de Lascaux quase nada terá que ver com o olhar de um homem do neolítico, o que significa que o nosso entendimento do mundo que habitamos e das relações transaccionais de que somos conscientes nos abrem um mundo perceptivo, emocional e sensorial muito mais complexo e profundo, que nos distancia drasticamente da capacidade de entendimento desse homem primitivo, e do olhar simplista mas puro, icástico, que teria do seu mundo. O que é um facto é que se torna fundamental a tentativa de um entendimento dessa mente para compreendermos como nos relacionávamos, como entendíamos e como vivíamos, para reconhecermos a importância vital dessas memórias antropológicas da nossa relação com o mundo e de como compúnhamos a leitura inteligente do nosso lugar.

Este habitante das grutas era um Homem de linguagem gestual, e de pouca e elementar vocalização, de formas de comunicação primárias, que no entanto conseguiu deixar desenhos murais feitos há 20.000 anos, que agora ainda podemos entender perfeitamente (ver gravuras em www.lascaux.culture.fr). Milhares de anos que nos distanciam desse ser primitivo, e apesar dessa imensidão de tempo, de toda a história, da imensa evolução, de tudo o que nos separa de quem os pintou, a mensagem é perfeita para quem vê e interpreta estes murais. Nunca na história da humanidade uma mensagem deixada por um ser humano foi tão duradoura e tão clara, o que por si só é já um facto absolutamente notável.

Estas mensagens pintadas são a expressão de um ser inteligente, que expressa essa inteligência artisticamente, numa linguagem pictórica seguramente muito mais evoluída que a sua linguagem vocal. Ou seja, o Homem antes de saber propriamente falar e de ser capaz de explorar toda a dimensão da oralidade sabia pintar e expressar-se poeticamente pela pintura, de um modo tão impressionante para os dias de hoje, que, avaliando pelo olhar, cultura e desenvolvimento social de há 20.000 anos, era uma forma de expressão tão evoluída para a época que teríamos que a avaliar como genial, pelas suas qualidades intrínsecas e pelo avanço

incomensurável em relação há sua época. Interessante, quando pensamos a ideia elitista que temos da arte desse há centenas de anos, que entendemos como privilégio de alguns, sendo que afinal, faz parte da nossa inteligência comum e das nossas memórias antropológicas. Mas voltando a esses primórdios, éramos capazes de expressar a nossa inteligência pela narrativa, contando histórias de caçadas e de animais, do quotidiano, sendo certo que sabíamos que era ma história nossa, uma metáfora da realidade interpretada pelos autores dessas pinturas, o que por si só, é um acto de natureza intelectual muito complexo. Éramos capazes de olhar o nosso mundo e de interpretá-lo, e depois de o representar artisticamente em metáforas pintadas que ilustravam e caracterizavam as nossas grutas, as nossas casas. Exactamente como vimos fazendo em todas as formas de expressão artística desde então: representações metafóricas da nossa interpretação de um contexto cultural e sociológico. O que é absolutamente notável é a genuína dimensão deste acontecimento, ou seja, o facto de o sermos capazes de fazer mesmo antes de dominar a oralidade. E já o fazíamos pelo menos há 20.000 anos, representar metaforicamente o mundo em que vivíamos.

Outro aspecto impressionante é a qualidade plástica e expressiva destas pinturas murais. Toda a cena representada e todos os seus protagonistas estão em movimento: os animais circulam em diversos planos de profundidade, porque foi criada uma noção de escala pela diferente dimensão das representações, o que oferece uma profundidade de campo de visão ilusória, um artifício que só muito mais tarde, durante o Renascimento, foi a pintura capaz de voltar a criar. O mesmo para a noção de movimento, que foi representado na pintura medieval de modo esquemático e simbólico, sem nunca ser criado este campo complexo de visão em profundidade. E o rigor expressivo e poético das pinturas em Lascaux? Que é tal que a visão contemporânea permite entender tudo o que está representado. Mesmo quando vemos o detalhe das patas dos animais a sobrepor-se umas às outras em passo de corrida, delicadamente desenhadas a expressar a velocidade, ou a sombra que representa o bojo do ventre do animal, ou o seu pescoço. Podiam ser coincidência se não estivessem, estes detalhes, claramente expressos em quase todas as imagens. Só no Renascimento fomos capazes de voltar a esta subtil e expressa inteligência, a mesma que nos tinha que ser tão natural no Neolítico inferior, porque estas pinturas não seriam certamente fruto de um esforço intelectual, ou de uma qualquer aprendizagem com maior complexidade. Foi certamente pelo modo pragmático de pensamento, de observação, tentativa e erro, pelo ensaio persistente, um pensamento inato e de uma envolvente condição humana, absolutamente próxima da natureza e com um entendimento tal que mais parece uma absoluta cumplicidade, e que teve estes resultados surpreendentes, pelas figuras que

correm nas paredes de Lascaux, muito mais desenhadas por esse mistério do que pela mão tosca de um homem do Neolítico Inferior.

É inexplicável que esta mão tenha pintado este testemunho vital, com este talento, e também não é explicável este hiato, esta falha no tempo, que nos deixa um vazio entre este período longínquo e o Renascimento, durante o qual parece ter-se esquecido como se olhava e entendiam as coisas, ou perdido essa naturalidade tremendamente inteligente e cúmplice que nos permitia representar dessa forma, como um inteligente mistério, o mundo que era o nosso e dos nossos interesses, como havíamos representado essas caçadas nos muros e tectos de cavernas. Talvez existisse uma certa inteligência telúrica, como um fenómeno inteligente e humano mas tão próximo e dependente da natureza, que naturalmente conseguíamos expressar essa nossa relação com o mundo que nos rodeava com tanta intensidade poética. (Talvez a mesma magia que poderá explicar os menires a celebrar lugares, a sacralizar paisagens) E a sobrevivência da frágil espécie Homem podia assim explicar-se mais facilmente, se a sua inteligência tivesse tido essa ajuda, tivesse sido afinal um trabalho conjunto da nossa mente com a teluricidade, e o mundo natural nos tivesse assim levado pelo caminho certo da evolução.

NATUREZA MORTA

Esse caminho, essa evolução, foi todo o resto da história da nossa Humanidade até aos dias de hoje: de como fomos construindo um mundo artificial nosso, pelas paisagens de campos tratados e cultivados, desde as primeiras urbes até às cidades, que se reformaram e refiguraram ao longo dos tempos, e que hoje são, para o mal e para o bem, o espelho do Homem e da civilização contemporânea.

Desde o helenismo que se deu esse sentido às cidades, de serem o espelho da nossa civilidade e cultura, e o que nos mostra, essa história e passado das cidades, é que sempre soubemos edificar belos edifícios, cheios “De anima”, pelo modo como os vivíamos, pelo sentido e significados que lhes atribuíamos. E esses edifícios eram parte do mundo de cidades extraordinárias, monumentos à vida, exaltação de cultura; como Veneza, Florença, Praga, e mais tarde a nova Paris de Hausseman, ou a imperial Viena.



Fig.2 - "Fachada de natureza morta" Fotografia Ricardo Zúquete 2011

Desde o séc. XVIII até finais do séc. XIX havia o culto da urbanidade nas grandes cidades europeias que, não só simbolizava o progresso e os seus ideais, como a cultura e a sua representação. Esse estilo de vida urbana representava os ideais do Homem e a crença de futuro, tornando a cidade no grande motor da civilização e da cultura.

Esse culto da urbanidade deu origem ao "Vedutismo" (2) na Itália oitocentista, pinturas de enquadramentos das cidades, vistas que retratavam a complexa beleza urbana, aclamadas pelos jovens intelectuais que faziam o "Grand Tour" (3), viagem por França e Itália, para o reconhecimento das mais belas cidades e paisagens culturais. Foi o século das grandes reformas urbanas de Paris, Barcelona, e numa escala mais modesta, de Lisboa. Era a festa da vida urbana, com o culto dos belos edifícios, dos passeios públicos, onde tudo era um ritual, nem que fosse uma simples ida ao café, mas com vestes próprias de figurinos, cerimoniais e cortesias, entre chapéus, polainas, sombrinhas e carruagens, que faziam da urbanidade um palco da vida humana, onde tudo tinha o seu significado, os seus valores reconhecíveis.

Em finais do século XIX, o Visconde Valmor(4) instituiu um prémio para o melhor edifício a ser construído cada ano em Lisboa, um belo exemplo desta festa da urbanidade. Promotores e Arquitectos rivalizavam para conseguir o dito prémio, que era orgulho de todos os lisboetas. Hoje são prédios menos valorizados, os promotores não os querem comprar por saberem que são edifícios protegidos, património, e que por isso não é possível demoli-los ou transformá-los à medida das suas vontades especulativas. Um triste exemplo de como vemos a cidade e a natureza dos seus edifícios com outros olhos, olhar menos nobre e apenas mais lucrativo, sendo este um lucro exclusivo do promotor, porque a cidade ficará sempre mais pobre quando olhada desta maneira.

Mas nem tudo era bom nessas cidades do século dezanove, com a decadência urbana ditada pela Revolução industrial veio o desejo da modernidade salvadora. Mas afinal, com essa modernidade vieram as guerras mundiais, duas que iam acabando com tudo e qualquer sonho. Depois, a reconstrução da Europa e o crescimento dos Estados Unidos. Era o segundo fôlego da moderna oportunidade, que está na base do enorme crescimento das cidades contemporâneas desde a década de 50 do século passado. E como é que o Homem contemporâneo se relaciona com o seu contexto e o lugar que habita? Só nos últimos 50 anos o lugar urbano mudou muitíssimo. Existia uma relação de proximidade, de bairro, de pequena escala, de um entendimento tangível da cidade e da sua atmosfera, que hoje foi mudando para uma imensidão de espaços incaracterísticos de subúrbios, de lugares indefiníveis que prolongam as cidades pela paisagem dos países, o que faz alguns teóricos e urbanistas dizerem que em

muitos países europeus já só existe paisagem urbana, embora de diferentes densidades, mas toda transformada em termos de pressupostos urbanos, e assim sem qualquer qualidade natural.

E esses belos edifícios que soubemos construir, e que eram tão bem habitados nessa relação próxima e cúmplice com a cidade, começaram a ser substituídos por outros edifícios mais distantes, menos disponíveis para a cidade, mais orientados para o funcionalismo dos anos 50, para a frieza corporativa das empresas, do tal fôlego modernizante e do seu progresso. Nos anos 60 foi ainda pior, porque se na década anterior havia muitas vezes um eco das qualidades da arquitectura moderna da década de 20/30 que alguns autores respeitavam (nem que fosse por pudor), na década de 60 foi a recusa dessa modernidade, e a alternativa eram objectos desgarrados que se impunham à cidade, que se sobrepunham à sua vida, ao seu desenho, à sua sensibilidade. E foi por aí que até finais de 70 se destruíram muitas cidades, numa perda de sentido associado “às mais valias” especulativas de um sistema financeiro e social sem rumo, um capitalismo que selvaticamente e inexoravelmente retirava outro sentido a tudo o que não fosse lucro e o cego mapa da finança, desenhado por maus edifícios feitos por piores arquitectos. Lisboa é um grande mau exemplo de tudo isto.

Hoje, Lisboa é uma cidade perdida em frente ao Tejo, com uma área histórica abandonada, povoada por turistas e prédios esquecidos, um centro assombrado por muitos edifícios desqualificados que se construíram desde os anos 60 até hoje, sendo raros os exemplos de edifícios contemporâneos de qualidade, e que normalmente se exaltam em quarteirões de modestos e às vezes belos edifícios com um século ou dois, mas normalmente abandonados, ou muito mal tratados. Para além disto, a cidade cresceu enormemente para uma imensidão de lugares incaracterísticos, uma amálgama de construção e de terrenos sobrantes, traçados por vias rápidas, hipermercados e bombas de gasolina, a que chamamos subúrbios, ausentes de planos gerais e feitos numa manta de retalhos de Planos de Pormenor, a ligar Lisboa a outras duas cidades; os dormitórios de Almada e Amadora. Como em todas as cidades contemporâneas o problema da mobilidade e transportes é enorme, sendo claro que em Lisboa, pela sua morfologia acidentada e pelo atraso crónico no desenvolvimento de sistemas viáveis de transportes colectivos, o automóvel é senhor, o que é sempre uma solução impossível, criando uma entropia sem saída, e um estilo de vida automobilística de que poucos querem abdicar.

A relação amável com a escala da vida urbana dos anos 60, numa Lisboa pequena, do peão, dos eléctricos, da vida de rua e de

bairro, perdeu-se para uma relação desgarrada com uma cidade sem escala, de território indefinível, perpassada pelo automóvel e a rápida circulação, os grandes centros e superfícies comerciais que sugam a cidade e toda a sua vida para um interior de outra cidade artificial, feita do deslumbramento do comércio e do poder da compra, a complementar um mapa mental do lisboeta, entre a garagem de casa, a via rápida até à cidade, a garagem do escritório e a garagem do centro comercial. É o modelo americano, entre shoppings, e caves de estacionamento, tudo pelo mundo automóvel em vias, o mais rápidas possível. (Até inventámos a Via Verde, com a qual estacionamos, abastecemos, a esquivamos portagens)

Esta é uma segunda cidade de uma distante vida urbana que se passa a um outro nível paralelo ao lugar primordial e tangível da cidade tradicional. Como complemento a essa cidade distante, nos últimos vinte anos vive-se a digitalização das nossas vidas, onde até a própria imagem e o seu culto deixou de ter expressão e dimensão física e passou a ser imaterial, o que veio a dar um alento e um poder enorme a esta distante vida urbana, gerando mesmo o que hoje se pode chamar uma intangível forma de habitar a cidade. Esta virtualização também lhe retira limites, convertendo esse mundo imaginável num imenso lugar virtual, onde temos acesso a tudo, com uma rapidez e quantidade à escolha, a cidade torna-se incomensurável e ilimitada, onde mesmo um conceito que era claro, como o de mobilidade, hoje é extremamente complexo. Hoje, e quase sem nos mexermos, passamos horas por dia em frente a um ecrã de computador, dependentes de outro ecrã de um telemóvel, usando-os como ligação privilegiada ao mundo, sendo que o resto do tempo, passamos parte dele em frente ao plasma da televisão, de volta ao computador, ou a ouvir música num MP3, e o sempre presente telemóvel por perto, mexendo-nos pelo mundo inteiro.

Como consequência desta vida digitalizada, já se chama à geração nascida nos últimos vinte anos, nativos digitais, que dominam este novo, e para eles, intrínseco estilo de vida virtual, ao qual vão buscar estímulos, conhecimento, onde trabalham, estudam e se divertem, articulando ainda uma grande parte da sua vida social.

Este processo de digitalização tem sido objecto de investigações das neurociências, que vêm avaliando com crescente rigor estudos de comportamentos e fenómenos fisiológicos, sobretudo quanto a diferentes respostas e modos de funcionamento da rede cerebral, e de como estes fenómenos se enquadram ou estimulam novos comportamentos e tendências sociais, o que permite avaliar o tipo e complexidade de relação que existe entre os crescentes hábitos de uma vida digitalizada e a realidade real. Como exemplo desses novos comportamentos, usuários habituais de internet referem o prazer ou mesmo o estado de

excitação por poderem visitar os seus sites preferidos, ou antecipar as compras que poderiam, ou podem fazer. Uma certa euforia existente mesmo antes do acto em si está relacionada com alterações químicas produzidas no cérebro que controlam um leque de comportamentos, desde uma simples sedução psicológica a uma adição profunda. A rede cerebral que controla estas respostas envolve um neurotransmissor, a Dopamina (5), um mensageiro cerebral que modela todo o tipo de actividades que envolvem recompensa, castigo, e exploração ou pesquisa.

Esta substância é responsável pela euforia que os viciados perseguem, do álcool, às drogas ou ao jogo. A Dopamina transmite mensagens para as áreas de prazer no cérebro, o que causa o desejo de repetição e de adição. Jogos de computador têm o mesmo efeito que algumas drogas, de acordo com estudos realizados, sendo prova que quando esta adição toma o controle, a área cerebral responsável pela execução das nossas acções e dos seus julgamentos (estratégia, racionalidade, bom senso), a Comissura Anterior, perde poder pelo desvio da Dopamina desta decisiva área do cérebro.

Humanos virtualizados, agora, com sistemas tão evoluídos em jogos, computadores, consolas, que conseguimos retirarmos ainda mais estímulos cerebrais da virtualidade do que da realidade, que conseguimos fingir quase sem movermos um músculo.

Muitos adolescentes ainda podem não estar viciados, mas em muitos casos o uso abusivo destas novas tecnologias pode perturbar o seu julgamento e decisões. E outras gerações, os chamados Imigrantes digitais, poderão oferecer mais resistência, mas com o tempo e hábito tornam-se igualmente reféns destes comportamentos, podendo também detectar preocupantes desvios comportamentais, com enormes reprocurções no modo como se relacionam com o mundo que os rodeia: os e-mails, o telemóvel, A World Wide Web, são aparatos que mudaram a vida de todas as gerações, seja directa ou indirectamente.

Vivemos uma existência cada vez mais recheada de um vazio do real, e cheia de emoções vindas da virtualidade, isso associado a uma vivência onde a nossa relação com quase tudo é mediada, onde nada é directo, pouco é táctil, onde os sentidos e a tangibilidade se esquecem ou vivem atrás do falso toque do “screen” de um i-Pad, onde tudo está à distância de um clique, tudo parece imediato e fácil, onde até a ética dos nossos actos se pode tornar volátil (os direitos de autor dos download, para dar só um exemplo)

Voltando ao real mundo construído, dos nossos edifícios, parece serem cada vez mais feitos do desenho dessa economia cega; inexpressivos, desumanos, pobres mas com falsos requintes para “épater les bourgeois”, a servirem esse novo mundo

de intensidades e vivências virtuais, como um mundo meio real, meio vivo, de pessoas em parte semi-virtuais, onde o peso da realidade é outro, seguramente diferente e variável de pessoa para pessoa. Na cidade contemporânea podemos mesmo questionar qual será o papel e o relevo social destes edifícios, porque estão longe dos que foram desenhados com ideologia, ou fizeram parte de um plano e de um desejo de futuro para a cidade. E mesmo aqueles que isolados são senhores de um desenho nobre, a conferir pleno sentido à sua figura e ao lugar que os rodeia, parecem vaguear, perdidos numa cidade cada vez com menos sentido.

A cidade hoje existe por entre a beleza nostálgica de muitas obras do passado, de uns edifícios de abandono e pouco humanos, alguns outros de qualidades, mas que se perdem por entre a maioria desoladora. E fica a sentir-se a falta de uma energia revitalizante de projectos globais de uma beleza modernizante para um futuro de crença. Existe mesmo um esforço de matar edifícios vivos, pelo modo como muitas vezes são recuperados e reabilitados, com as tintas plásticas, os caixilhos de PVC, os vidros espelhados, ou com falsos quadrados a imitar as janelas Pombalinas. Assim a maioria dos prédios das nossas cidades permanecem como espelho indefinido da existência virtualizada de hoje; inexpressivos, ausentes de intenções, são presenças semi-mortas no tecido urbano, ilustrando o seu anonimato, a sua indiferença ao que os rodeia, num gesto solitário, muito próprio dos dias que correm (e que até pode ser um gesto elegante ou sedutor). E assim as nossas esquinas, como é o caso de Lisboa, estão cheias dessas presenças sozinhas, que nada oferecem, e que se tornam monumentos deste outro modo de estar na cidade; desligado, virtual, sozinho, (in)diferente. Nalguns casos são projectos de qualidade, que solitariamente se afirmam, e que podendo cativar, não passam de gestos sós, contributo isolado, que acentua o lugar desgarrado em seu torno, a lembrar a ausência de um esforço coerente no desenho do espaço urbano como um todo coerente. É claro que alguns, muito poucos, são belíssimos edifícios actuais, que tentam explorar esta complementaridade contemporânea, entre o mundo tangível, matérico, lento, e o virtual, rápido, para além da fisicalidade; mas a esmagadora maioria são esses outros solitários e surdos prédios. A questão é porque é que os fazem assim? A cegueira do lucro dos promotores e a falta de talento de muitos arquitectos, são duas respostas, mas o sucesso dessa arquitectura do abandono, sem ideologia, fraca de intenções, não será porque as pessoas estão cada vez menos atentas e preocupadas com a realidade real e física? Não serão estes edifícios a materialização desse mundo meio perdido entre o peso concreto do lugar da realidade e a superficialidade do virtual?

O que é um facto é que se olharmos Lisboa temos um belo centro histórico habitado quase só pelos turistas, como nas outras cidades europeias e históricas, cidades Disneylândia, onde essa mesma visita é feita pelo ecrã das máquinas digitais ou da máquina fotográfica do smartphone, e logo de seguida se partilham essas imagens numa qualquer rede social como se fosse a real experiência em directo; fascinantemente impessoal, intemporal, digitalizam-se em imediato experiências (in)vividas, para a WWW. E assim o poder que tivéramos de habitar intensamente as nossas cidades, no meio das pessoas, entre ruídos, cheiros, caminhos, jardins, praças, luzes, texturas, sabores, com toda a vida intensa, ao correr dos últimos tempos vimos abandonado essas experiências, trocadas pela crescente virtualização do nosso quotidiano. Os edifícios e as cidades tornam-se naturezas mortas, de lugares pouco e mal vividos, que se transfiguram todos os dias, a pouco e pouco, pelo nosso olhar cada vez mais digital, baço e tecnológico, que pensamos ser tão fascinantemente contemporâneo que só pode ser muito lúcido e inteligente, ou então não fazia parte do último modelo do i-Pad.

Como é que se alerta esta geração de Nativos digitais, e mesmo as outras gerações, de Imigrantes digitais, para esta perda inexorável? Para a extrema lucidez da realidade tangível, e de como a sua perda pode significar uma perda de consciência do mundo real? Um afastamento do mundo vivível e dos seus verdadeiros significados? E como é que se constrói e edifica essa chamada de atenção? Como é que se pode renovar esse sentido de tangibilidade, essa dimensão humana da fisicalidade e da exaltação dos sentidos naturalmente estimulados?

Nos anos cinquenta, em muitos países europeus, houve uma chamada de atenção pela dureza dos tempos do pós-guerra para humanizar a cultura e procurar em crenças viáveis e reais um futuro capaz de reconstruir um mundo que os sonhos e ideias de modernidade iam destruindo por completo na segunda guerra. Essa imagem de modernidade era também uma virtualidade sonhada, que dava agora lugar a uma renovada e intensa maneira de olhar a realidade, toda a sua complexidade, as suas idiossincrasias, em toda a sua imperfeição e humanidade, longe de ideais e de modelos, e o mais próximo possível do Homem e da sua dimensão realista.

Em Portugal foi pelos escritos de Alves Redol a chamar a atenção para a realidade da vida no campo (a vida real de quase 80% dos portugueses), ou pela pintura de Júlio Pomar, que desenhava a pobreza do operariado. Outros pintores formaram um grupo e as exposições famosas que tinham o nome “As Gerais do Neo-realismo” (6), a oferecer a imagem duramente poética da nova

realidade que se podia e devia ter da sociedade da época.

Na Arquitectura foi a vez da recusa do desenho e da tentativa de uma linguagem que qualquer um entendesse, longe do traço erudito e de composições complexas, os projectos eram directos, rugosos, feitos de imagens icónicas, próximas da linguagem da arquitectura vernacular. Quando se ensaiavam novas expressões era de modo a serem facilmente perceptíveis, como o betão aparente, a madeira natural, o ferro pintado, o tijolo à vista, como num discurso directo que garantisse uma acessibilidade conceptual ao espaço edificado, e que tivesse uma relação de enorme proximidade com o modo como seria habitado: o cheiro do tijolo e madeira dos edifícios de Teotónio Pereira, o betão exposto das obras de Távora, a linguagem próxima pela fisicalidade das piscinas de Leça ou da Casa de Chá de Siza. (7)

Foi uma “chamada à terra” como consequência de uma profunda crise de valores; crise económica, crise política, crise de futuro. Com a devida distância histórica e temporal é muito semelhante com o que hoje se passa. Sem a trágica circunstância da guerra, inventámos na paz dos últimos trinta anos um mundo ávido de fortuna, cheio do vazio da especulação, que se alimenta de imagem aparente, do culto da novidade, onde os significados andam meio perdidos, meio esquecidos. Isto tudo com o doce estímulo da tecnologia virtual, na tremenda rapidez da banda larga, que é agora o novo e rápido tempo da nossa existência. Talvez seja a altura certa, ou talvez seja mesmo vital uma nova “chamada à terra”, para outro tempo mais lento, onde se reconquiste o toque de uma vida mais real e realista, para que humanamente se reavivem valores e sentidos, e para que se olhe a cidade com outra exigência, como espaço de qualidades e humanidades, com edifícios com menos imagem, menos abandono, e mais vida (mais sentido). E, com os pés na terra, desde essa base humanizada, teríamos todo o tempo e espaço para o deslumbramento dessas novas tecnologias, e para o projecto de um outro futuro de equilíbrio acertado entre os valores realistas, humanos, e as possibilidades extraordinárias desta era digital.

Dizia-se na mitologia grega(8), que o mundo andava a ficar de pedra, a perder a vida e a sua beleza. Era uma Medusa de seu nome Górgona, cujo simples olhar petrificava o mundo, com a sua imagem conhecida de cabelos de serpentes e olhar trágico (ver imagens Google Medusa de Caravaggio). Afinal não foi só esse olhar do mito que petrificou o mundo, com as serpentes das “virtudes” do capitalismo cego na sua cabeleira, mas foi e é também esta nova maneira digital de “o” olhar, sem toque de vida ou intensidade. O espectador que somos das cidades, quando as olhamos, e actores que somos também, a representar o espaço

que habitamos, tornámo-nos humanos mais distantes, parcialmente virtuais, e que já não procuramos, nessa dupla função de actores e espectadores dessas cidades, muitas das nossas experiências de vida, que preferimos, ou vamos deixando que sejam virtualizadas, desde o simples modo como olhamos, à realidade das tarefas do nosso quotidiano.

No mito, o guerreiro Perseu encontra uma nova estratégia e um novo modo de olhar a Górgona, para que ela não o consiga transformar em pedra, e assim aproxima-se dela e consegue cortar-lhe a cabeça acabando com a petrificação do mundo. Tudo começa pela inteligência desse novo olhar, através do reflexo de um escudo, e hábil estratégia e determinação de Perseu com as suas sandálias voadoras. Esperemos afinal que não seja um mito, e que essa inteligência e estratégia seja parte da natureza humana, para que Perseu encontre outra vez maneira hábil de nos fazer escapar às naturezas mortas e vazias deste nosso mundo cada vez mais petrificado, para podermos continuar a inventar uma realidade vivível, a arquitectar o futuro e o mito.

Fecho uma velha janela pombalina. Desço a escada de madeira que range até ao hall de pedra. Ouço a cidade depois da porta. Saio para a rua empedrada e troco os meus passos com as pessoas. O reflexo das montras, o brilho dos carris de eléctrico, o barulho dos carros no granito do chão, o cheiro a café e os pedaços das conversas na esplanada. Compro um jornal e sento-me. Pelo barulho das folhas de papel fico por entre a cidade que existe em meu redor enquanto folheio histórias escritas do mundo. Sentam-se dois amigos, troco conversas, toco o jornal, saboreio o café, ouço tudo. E o vento traz o cheiro das castanhas. Ou então, ouço o Ar condicionado do escritório enquanto olho a cidade surda, lá em baixo, desde uma óptima janela que não abre. Saio sobre o silêncio da alcatifa e desço de elevador até ao estacionamento na cave. Recebo um e-mail no smartphone e envio um sms. Entro no carro, ligo o GPS, fecho janelas e portas. Estanque sigo o caminho do mapa digital pelos subúrbios da cidade, longe de barulhos. Entro na garagem, subo o elevador. Ligo o plasma para ver notícias do mundo onde passam imagens de Lisboa antiga. Pego no Laptop, abro o Facebook e “estou” com os meus 211 amigos bidimensionais na palma da mão. Olho a paisagem desgarrada por entre uma janela perfeitamente isolada, moderna, de vidro duplo, corte térmico, (impossível de sentir o vento, o som), mas com tiras de plástico coladas a imitar os quadrados das velhas janelas pombalinas.

PS: Este artigo é talvez pessimista. É uma chamada de atenção para todos os que parecem esquecidos da natureza humana. E dedicado aos que desafiam todos os dias as naturezas mortas.

Notas:

1 Grutas de Lascaux > complexo de grutas descoberto em 1940 por um pequeno grupo de adolescentes, conseguiu preservar por estar soterrada em condições singulares, um testemunho único de desenhos e pinturas rupestres datadas entre 17.000 e 20.000 anos, prova da capacidade interpretativa de uma leitura metafórica da realidade que o Homem do Paleolítico Inferior já possuía. Acredita-se que este primeiro testemunho desenhado de cultura estivesse igualmente registado nas paredes de outras cinquenta grutas da região, que, por estarem abertas, não conseguiram preservar qualquer legado.

A gruta está fechada ao público desde o início dos anos sessenta por ser considerada o testemunho mais importante em termos antropológicos. Fica no Périgord, na Dordogne, em França. www.lascaux.culture.fr/Em cache - Semelhante

Ver texto "Trilogia", in "Caixa de Escritos", Zúquete, Ricardo, à venda na Livraria da Universidade Lusíada.

2 "Il vedutismo" > desde o século VX, mas sobretudo no século XVIII, a representação da cidade em enquadramentos das suas vistas realçando a sua dimensão estética e poética, sempre como espaços de cultura e profundamente humanos, era o culto da vida urbana e da sua riqueza. Giovanni Antonio Canal, conhecido como Canaletto, pintor veneziano, foi o mais reconhecido por este tipo de arte urbana, e a cidade de Veneza a preferida como sujeito de representação, sendo a utilização de uma das primeiras lentes ópticas, (que viria a servir de base para as primeiras lentes fotográficas), garantia da exactidão da perspectiva.

3 "Grand Tour"> Viagem por grupos de viajantes endinheirados que provinham da América e de aristocracias do norte da Europa, que visitavam França e Itália, podendo seguir para Grécia e outros países do sul, com intuito de reconhecerem as maiores belezas artísticas e culturais da humanidade, visitando as mais históricas e belas cidades. Grande parte da viagem era feita em comboio, o que dava uma leitura sequencial da paisagem, extremamente importante no modo como estes viajantes e intelectuais apreendiam os lugares, e a imagem que transmitiam das suas experiências. As pinturas do Vedutismo eram um dos principais símbolos dessas jornadas, que podiam durar vários meses, e mudaram a vida de muitos dos intelectuais e artistas dos séculos dezanove e vinte.

4 Prémio Valmor> Fausto Queiroz Guedes, último Visconde de Valmor, por indicações do seu testamento, deixou à Câmara Municipal de Lisboa os meios para a atribuição de um prémio anual a atribuir ao mais belo edifício construído na cidade cada ano, metade para o promotor, metade para o Arquitecto. Muitos desse edifícios são património classificado e dos mais belos da cidade.

5 De acordo com os mais recentes estudos da neurociência, como documentados no livro: Small, Gary M.D., and Vorgan, Gigi, "iBrain – technological alteration of the modern mind", Harper Collins Publishers, New York, 2008, ISBN 978-0-06-134033-8

6 Neo-Realismo > com origem em Itália este movimento de forte cariz social e político tem a sua expressão no pós-guerra, num período difícil para a nossa ditadura no contexto da vitória aliada e dos países democratas. Os problemas sociais, a modernidade adiada, e todo o contexto de um país pobre e subdesenvolvido são expressos pelas letras do cançãoeiro e outras músicas de intervenção, os romances de vários escritores, como Alves Redol, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, ou Fernando Namora, e os quadros de uma nova geração de pintores, como Júlio Pomar ou Lima de Freitas, todos fortemente politizados e conscientes do papel social da sua arte. A Arquitectura era a face mais visível dessa arte do real, onde se fugia dos gestos mais conceptuais e eruditos, dando espaço a uma composição mais próxima da arquitectura vernacular e assim da cultura de quem os usaria. Com o tempo, por entre poucos exemplos de qualidade que marcaram a nossa Arquitectura, a maioria eram de uma redutora e crua maneira de fazer essa Arquitectura, sem gestos belos de composição e de uma poética rude.

7 Na sequência do primeiro congresso dos Arquitectos em 1948, fez-se o inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, que teve a tremenda consequência de obrigar a geração do inquérito a olhar o país real, o modo como era edificado e habitado. Os Arquitectos e alguns estudantes foram assim confrontados realisticamente com a inevitabilidade de uma reforma para uma nova ética e dever social da Arquitectura, que nunca mais viria a ser a mesma depois dessa visão oferecida pelo inquérito.

8 No Mito de Perseu, o herói recebe dos deuses do Olimpo umas sandálias aladas para poder voar e um escudo de bronze para poder olhar a medusa pelo reflexo do metal, e assim evitar a sua visão petrificadora. Pela agilidade do voo da sua inteligência e estratégia em olhar pelo escudo, o guerreiro corta a cabeça da medusa e consegue parar a petrificação do mundo. Estamos longe de conseguir essa vitória, sendo que é pela sensibilidade do nosso olhar e inteligência da nossa estratégia que ela poderá acontecer; um dia.